

**Banco ABC Brasil | Relações com Investidores**  
**Transcrição da divulgação de resultados do 4T16 / 2016**  
**10 de fevereiro de 2017**

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Bom dia a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do quarto trimestre e ano de 2016.

Vamos aos principais destaques. O lucro líquido do ano ficou em R\$ 411 milhões de reais, apresentando um crescimento de 10,5% em relação ao obtido no ano de 2015. No quarto trimestre de 2016 isolado, o lucro foi de R\$ 108,5 milhões, apresentando um crescimento de 5,6% em relação ao trimestre anterior e 2,9% em relação ao mesmo período do ano anterior.

O Retorno Anualizado sobre o Patrimônio Líquido foi de 15,2% a.a. em 2016 e também no trimestre.

A carteira expandida de crédito encerrou 2016 com R\$ 22,7 bilhões de reais, o que representou um crescimento de 7,0% em relação ao trimestre anterior e de 5,4% no ano comparando com 2015.

A qualidade da carteira continua elevada, onde 94,1% das operações com empréstimos e 98,8% das operações com garantias prestadas estavam classificadas entre AA e C. Considerando as duas carteiras, o índice foi de 96,2%.

No slide 03, apresentamos a evolução da carteira de crédito.

A carteira expandida encerrou o ano com R\$ 22,7 bilhões de reais, crescimento de 7,0% no trimestre e de 5,4% no ano, como eu coloquei nos destaques.

Abrindo por produtos, a carteira de empréstimos, isoladamente, cresceu 9,5% no trimestre e 1,5% no ano. A carteira de garantias Prestadas aumentou 3,9% no trimestre e 8% no ano. E a carteira de títulos privados apresentou crescimento de 7,8% no trimestre e de 20,2% no ano. Abrindo as variações por segmento de clientes, no segmento Large Corporate a carteira cresceu 6,8% no trimestre e 7,3% no ano. Já o segmento Corporate aumentou 8,3% no trimestre e retraiu 4,8% no ano.

Com relação aos segmentos, alguns destaques: no segmento Large Corporate, encerramos o ano com 743 clientes, dos quais 535 possuíam exposição ao crédito, o que resultou numa exposição média de 33 milhões de reais por cliente, encerrando o ano com um prazo médio de 346 dias. Já no segmento Corporate, encerramos 2016 com 1.122 clientes, sendo que 899 possuíam exposição de crédito, com uma exposição média de 3,5 milhões de reais por cliente, encerrando o ano com um prazo médio 287 dias.

Apresentamos também no slide, a distribuição geográfica das carteiras, sem alterações significativas.

No slide 05, apresentamos a qualidade da carteira de crédito.

No primeiro gráfico, as operações com atraso acima de 90 dias. Ao final de 2016, as operações com atraso acima de 90 dias reduziram de 1,1% no terceiro trimestre para 0,7% em dezembro. O segmento Large Corporate apresentou uma redução de 1,1% no terceiro trimestre para 0,5% no quarto trimestre, enquanto que o segmento Corporate manteve-se estável em 1,2%.

No segundo gráfico apresentamos o Saldo de PDD em relação a carteira de empréstimos, que encerrou o ano em 3,7%, nível similar ao terceiro trimestre. No segmento Large Corporate, o saldo manteve-se estável em 3,6% e no segmento Corporate tivemos uma pequena piora de 3,6% no trimestre para 3,9% no final do ano.

No terceiro gráfico, mostramos a evolução dos empréstimos de rating D e E-H. As operações classificadas em D reduziram de 2,7% em setembro para 1,4% em dezembro. Já as operações com rating E-H aumentaram de 3,9% da carteira para 4,5% da carteira de empréstimos no trimestre.

No slide 06 mostramos a evolução e o total da nossa captação.

O funding continua sendo um dos pontos fortes do Banco, contamos com linhas de crédito acima do valor que precisamos para a nossa atividade, tendo terminado o ano com R\$ 20,9 bilhões, crescimento de 10,5% em relação ao trimestre anterior. Desse montante, 55%, em dezembro, veio do mercado doméstico, Brasil, 27% do mercado internacional, 10% do BNDES e 8% são dívidas subordinadas, onde divide-se 6% Basileia 2 e 2% dívidas subordinadas com prazo mais longos, dentro das regras de Basileia 3.

Importante mencionar que no mês de janeiro as três agências de rating reafirmaram os ratings do Banco ABC Brasil nos mesmo níveis em que já estavam ao final de 2016.

No slide 07, mostramos a evolução do Patrimônio Líquido e o índice Basileia.

Encerramos o ano com excelente nível de capitalização, resultado da boa rentabilidade e expansão moderada dos ativos. Tal situação é importante e necessária para o possível atingimento dos nossos objetivos de crescimento da carteira de crédito não só para o ano de 2017, mas para os anos futuros.

O Índice de Basileia do banco encerrou em 17,8%, sendo 14,2% capital de Nível 1 e 3,6% capital de Nível 2, onde 1,1% dentro das regras da Basileia 3 e 2,5% dentro das regras da Basileia 2.

No slide 08 mostramos a nossa margem financeira gerencial.

A margem financeira gerencial alcançou R\$ 1,17 bi em 2016, um crescimento de 3,9% em relação ao ano anterior. No 4º trimestre a margem foi de R\$ 283 milhões, apresentando crescimento de 10,4% em relação ao trimestre anterior e de 3,8% em relação ao mesmo período de 2015.

A margem financeira com clientes atingiu R\$ 533 milhões em 2016, crescimento de 1,8% em relação ao ano anterior. No 4º trimestre foi de R\$ 149 milhões, aumento de 16,8% em relação ao trimestre anterior e de 10,5% em relação ao mesmo período de 2015.

A margem financeira com o mercado atingiu R\$ 169 milhões em 2016, redução de 13,6% em relação ao ano anterior. No 4º trimestre foi de R\$ 51 milhões, aumento de 12,5% em relação ao trimestre anterior e redução de 25% em relação ao mesmo período de 2015.

Em relação às Despesas de PDD, elas atingiram R\$ 208,6 milhões em 2016, um aumento de 23,7% em relação a 2015. No 4º trimestre a despesa foi de R\$ 55,3 milhões, crescimento de 10% em relação ao trimestre anterior e de 14% em relação ao mesmo período de 2015, consequência do ambiente de crédito desafiador pelo qual passamos em 2016.

No slide 09, as receitas de serviços. Obtivemos bons resultados nas receitas de prestação de serviços, que atingiram R\$ 256,6 milhões em 2016, apresentando crescimento de 29% em relação a 2015. No 4º trimestre, as receitas com serviços atingiram R\$ 69,5 milhões, 5,4% maior que o trimestre anterior e 19,4% maior que o mesmo período de 2015.

As receitas com garantias prestadas atingiram R\$ 199 milhões em 2016, um crescimento de 32% em relação ao ano anterior. O bom resultado dessa linha é consequência do crescimento da carteira e aumento das comissões cobradas ao longo do ano.

As Tarifas cresceram de forma consistente em 2016, atingindo R\$ 35,4 milhões, o que representa um aumento de 30% em relação a 2015. Esse crescimento é consequência tanto da maior oferta como da aceitação do produto de pagamentos/recebimentos, consequência do investimento feito em tecnologia para que esse produto se torne cada vez mais representativo dentro da receita com serviços.

A atividade de banco de investimento está muito bem estruturada, operando ainda abaixo do seu potencial. A receita foi de R\$ 22,1 milhões em 2016, 4% maior do que em 2015.

No Slide 10, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência. As despesas aumentaram 7,4% no comparativo de 2016 com o ano anterior, mantendo-se sob controle e ficando dentro do *guidance* para o ano, que foi de 7% a 9%. O Índice de eficiência foi de 30,2% em 2016 e de 31,3% no 4º trimestre. Esse índice se encontra nos melhores níveis da história do banco.

No Slide 11, a rentabilidade. O Lucro Líquido recorrente atingiu R\$ 411 milhões, apresentando crescimento de 10,5% em relação ao ano anterior. No 4º trimestre, o lucro foi de R\$ 108,5 milhões, crescimento de 5,6% em relação ao trimestre anterior e de 2,9% em relação ao mesmo período de 2015. E com relação ao Retorno Recorrente sobre o Patrimônio Líquido, este foi de 15,2% a.a. em 2016 e também no 4º trimestre.

No slide 12, como comentei a pouco, o nosso *guidance* de 2016, tínhamos um *guidance* de crescimento da carteira entre 2% a 7%, e realizamos 5,4% de crescimento. E nas despesas com pessoal e administrativas, tínhamos um *guidance* entre 7% e 9%, tendo sido realizado um aumento de 7,4%.

No slide 13, nós mostramos nosso *guidance* para 2017. Projetamos um crescimento entre 8 e 12% para a Carteira de crédito expandida e para as Despesas de pessoal e administrativas, projetamos crescimento entre 5% e 7%.

Estes eram os principais destaques que gostaríamos de comentar. Agora ficamos à disposição para responder às perguntas que vocês possam ter.

Muito obrigado.

## **ÍNICIO DA SESSÃO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS**

Nossa primeira/próxima pergunta vem do Sr. Guilherme Costa, Itaú BBA.

### **[Guilherme Costa – Itaú BBA]**

Boa tarde. Em primeiro lugar parabéns pelo resultado e obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas, a primeira é sobre a carteira de garantias. Segundo a Resolução nº 4.512 do Banco Central, os bancos vão ter que provisionar para as perdas associadas as garantias financeiras e nós sabemos que dada a relevância da carteira de garantias sobre a carteira total do ABC vocês já vinham fazendo provisões para as garantias, então eu queria saber se mediante essa mudança da regulação vocês esperam que o nível de provisionamento para a carteira de garantias possa aumentar daqui para a frente? E minha segunda pergunta, é sobre a inadimplência. A gente viu um segundo trimestre de forte queda no NPL, no trimestre passado teve baixa para prejuízo, esse trimestre eu entendo que a baixa foi menor, foi melhor mesmo a inadimplência... eu queria perguntar o quão confortável vocês estão de que o pior realmente já ficou para atrás e se a gente pode ver melhoras adicionais da inadimplência ou se vocês estão trabalhando com um cenário mais de estabilidade para 2017? Obrigado.

### **[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Obrigado, aqui é o Anis. Com relação a provisão da carteira de garantias, como você mesmo falou, nós nos antecipamos a Resolução do Banco Central que passou a exigir provisão nessa carteira, e os critérios que nós temos adotado são os critérios que estão dentro dessa Resolução, dentro das regras, e dentro da carteira expandida de crédito, esta é a que tem melhor qualidade e a nossa perspectiva é de que essa carteira deverá manter esse padrão de qualidade no tempo. Não estamos enxergando grandes movimentações. O critério adotado está em linha com aquilo que é solicitado com o regulador e dentro dos critérios de crédito do Banco, então não estamos prevendo nenhuma modificação.

Já com relação a queda dos atrasos, teve uma queda significativa, não dá para dizer que a inadimplência é um problema superado, uma questão superada; os anos de 2015 e 2016 foram muito difíceis, de contração econômica, aumento de despesas de PDD e aumento de atrasos. O que nós estamos vendo, cada vez mais, é que com os atrasos melhorando e a qualidade da carteira, aquilo que hoje em dia se administra são situações passadas; a carteira nova que está sendo realizada, tem ratings altos e raríssimos casos de *downgrade*, mas os desafios de despesas com PDD para 2017 ainda existirão. Nós não temos como prática dar guidance de PDD, é difícil para um segmento como o nosso, mas a nossa expectativa é de que o primeiro semestre de 2017 será desafiador, com possíveis melhoras a partir do segundo semestre de 2017. E o que tem de um pouco mais positivo para o ano de 2017, onde você enxerga uma perspectiva de não contração ou de crescimento entre 0% e 1% e em um banco com as características nossas, que é um banco focado nos segmentos de Corporate e Large Corporate, concorrendo com grandes bancos e com Market share muito pequeno, uma vez que exista algum crescimento econômico e não contração, nós vislumbramos uma capacidade melhor de crescimento de ativos. Então, resumindo as duas respostas é: carteira de garantias não estamos prevendo nenhuma modificação, nenhuma mudança de critério ou de necessidade de provisão, e na qualidade da carteira de crédito ainda há desafios para 2017, mas com boa condição de crescimento em bons nomes.

### **[Guilherme]**

Perfeito, muito obrigado Anis.

### **[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]**

Boa tarde pessoal e muito obrigado pela oportunidade de perguntar. Eu tenho duas perguntas. A primeira, em relação ao NII, a gente viu um crescimento bastante interessante neste trimestre, principalmente na margem com clientes. A pergunta que a gente faz aqui é como deveríamos olhar o NII para 2017? Existe, vocês acham ainda, algum espaço para aumento de spreads ou para algum tipo de precificação, alguma coisa nesse sentido, ou a gente deveria imaginar o NII crescendo mais em linha com a carteira? E a minha segunda pergunta, em relação a essas mudanças que vêm sendo propostas pelo Banco Central, uma delas é a central de registros, inclusive com algumas discussões para inclusão das duplicatas. Eu queria entender um pouco a visão de vocês, se isso realmente acontecer, se a central for criada e as duplicatas forem colocadas dessa forma, se isso poderia criar um ambiente melhor para vocês para precificação de risco ou até mesmo de uma maneira geral de risco. Obrigado.

### **[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Obrigado, Thiago. Com relação ao NII, nós tivemos um crescimento nesse quarto trimestre em relação ao trimestre anterior por dois vetores. Um, foi o crescimento da carteira de crédito que naturalmente gera aumento da receita no NII e o outro, tivemos algumas recuperações de crédito, não expressivas, mas que contribuíram para o aumento dessa receita no trimestre. Os dois aspectos foram positivos, mesmo sem levarmos em conta algumas pequenas recuperações, essa margem financeira com clientes

teria crescido em relação ao trimestre anterior, mas em proporção menor. Para 2017, o que nós vislumbramos é um spread nos níveis que estamos hoje, acho que 2017 é um ano com uma perspectiva melhor que 2016 e 2015, aonde é possível crescer os ativos, na nossa opinião em um ritmo maior que em 2016, mas a indústria está começando a acelerar esse processo. Então nesse início, talvez, os níveis de spread devam se manter e com uma tendência cadente a medida em que a disposição dos bancos em emprestar continue aumentando e a inadimplência diminua. E é óbvio que você tem uma redução de spread, o que implica em uma redução na margem, mas compensada pelo aumento de volume. Então, no final, imaginamos que existe um potencial de compensação de queda de spread, caso ocorra, com aumento de volume, em um ambiente mais virtuoso para desenvolvimento de negócios com clientes.

Com relação ao registro das duplicatas, sempre é muito bem-vindo toda e qualquer estrutura, processo, que possa ter para melhorar a qualidade de garantias. Então, criando uma central de recebíveis é uma melhora. Mas, ainda de qualquer forma, operações com duplicatas com bons clientes ou com recebíveis de cartão de crédito, já possuem uma estrutura de formalização boa, no que diz respeito a melhorar a qualidade do crédito. E isso sempre é uma preocupação dos problemas da judicialização dos problemas de crédito no Brasil. Isso é um aspecto que a gente imagina que possa melhorar, mas, de qualquer forma, essa iniciativa do Banco Central é muito boa; abre-se um espaço com um pouco mais de conforto para se operar com garantias de recebíveis e a questão é ir vendo na medida que surgem as oportunidades, mas é positivo, sem dúvidas.

**[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]**

Perfeito. Muito obrigado pelas respostas.

**[Rafael Frade - Bradesco]**

Caros, boa tarde a todas. Primeira pergunta é com relação ao crescimento da carteira de crédito, se vocês pudessem falar um pouco mais como vocês estão vendo essa expectativa de crescimento de 8% a 12%, se refere, principalmente, aos clientes existentes, a uma participação maior, talvez, em projetos, no share de clientes que vocês tinham anteriormente, enfim, se vocês pudessem dar um pouco de cor, como vocês imaginam esse processo? Como vocês falaram, primeiro semestre talvez seja desafiador do lado de provisões, talvez esse crescimento da carteira se dê mais no segundo semestre, então, enfim, comentar um pouco como vocês vêm esse crescimento ao longo de 2017?

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Ok, obrigado Rafael. A princípio existe um certo otimismo com relação a condição de crescimento da carteira para 2017. Não é um otimismo exagerado. O que nos leva a ter um certo otimismo: o fato de a economia não contrair já é muito positivo, então as empresas voltam a ter o seu ritmo de atividade mantido até um certo crescente, cria-se a necessidade de capital de giro e também estimula o processo de novos investimentos. Existem boas empresas com limite de crédito aprovado no banco; hoje nós temos uma carteira de crédito expandida em torno de 23 bilhões de reais e nós devemos ter um outro “tanto” de limite de crédito disponível para bons nomes que estão voltando a captar, em ritmos menores que costumariam captar no passado e a razão pela qual essas empresas não estavam captando e, talvez, voltem a captar, é porque o ritmo de atividade ficará um pouco mais forte. São empresas que ou estão no setor de infraestrutura, ou estão no agribusiness ou estão no setor petroquímico, que são setores que de uma forma ou de outra estão tendo menos problemas com a crise do que alguns outros setores da economia. Então, acho que é um ano em que a indústria deve crescer mais do que em 2016, mas não vai ser um crescimento explosivo; especificamente pelo fato de nós sermos muito pequenos nesse mercado, é possível nós crescermos acima da média da indústria e, mesmo com alguns desafios de provisões por conta de ativos já existentes e que eventualmente possam ocorrer, nós enxergamos que há perspectiva de que bons nomes em linhas de créditos existentes possam acontecer. Então, voltando, existe um otimismo, mas não um otimismo agressivo, é um otimismo moderado, o que nos levou a colocar esse guidance de 8% a 12%, em linha com a estratégia e que estamos bem capitalizados, bons níveis de capital regulatório bons níveis de funding e liquidez para poder fazer frente a esse objetivo.

**[Rafael Frade - Bradesco]**

Entendi. Perfeito, obrigado.

**[Yuri Fernandes – JP Morgan]**

Boa tarde a todos, parabéns pelo resultado e obrigado pela oportunidade. Eu queria fazer uma pergunta sobre a receita com garantias prestadas. Olhando o *fee* médio, a gente notou uma certa estabilidade nesse trimestre, essa carteira vem reprecificando já faz algum tempo, mas olhando o quarto trimestre com o terceiro a gente notou que ela está mais estável agora. Faz sentido assumir que a precificação dessa carteira chegou no seu limite? Eventuais crescimentos no *fee* de garantias prestadas devem ocorrer por aumento do volume ou ainda é possível a gente notar um certo crescimento desse *fee* médio nessa carteira? Obrigado.

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Obrigado, Yuri. Acho que você está correto. Reprecificar em relação aos níveis atuais acho pouco provável. Você passa, teoricamente, a entrar em um ambiente de crédito melhor, essas empresas são empresas de rating elevado e bom risco de crédito,

então trabalhar com um cenário de manutenção dos *fees* e um crescimento faria mais sentido do que imaginar que essas taxas possam ser reprecificadas. É mais um cenário de manutenção dos *fees* e um crescimento em função da demanda de clientes.

**[Yuri Fernandes – JP Morgan]**

Muito bom, obrigado e parabéns novamente.

**[Pedro Furtado - Prada]**

Olá, boa tarde. Tenho duas perguntas. Primeiro eu queria entender o crescimento dos títulos privados no Large Corporate, entender se é uma estratégia nova ou se é só uma questão de que é um instrumento que oferecia menor custo? A segunda pergunta, se vocês puderem comentar o impacto da queda de juros, tem um impacto na inadimplência, impacto na captação e na própria demanda por crédito. Se vocês puderem comentar um pouco sobre a expectativa de vocês. Obrigado.

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Obrigado. Com relação a carteira de títulos privados, basicamente essa carteira existe por duas razões: posição em tesouraria, compra e venda no mercado financeiro, e operações que nós estruturamos para clientes e mantemos em posição. Geralmente são clientes de crédito melhor do que a média de crédito das operações de empréstimos, não existe nenhuma, digamos assim, é difícil dentro do nosso guidance tentar prever aonde vai ocorrer crescimento, se é mais no segmento Corporate, se é mais no Large Corporate, se é mais no produto Empréstimos ou na Fiança ou mais nos títulos. Mas eu diria que a proporção que essa carteira tem que é em torno de R\$ 1,7 bi em um total de R\$ 23 bi da carteira expandida, não deveria ser modificada. A proporção dos títulos sobre a carteira expandida é uma ideia boa se manter dentro do portfólio durante o ano de 2017, sem ser nenhum guidance ou comprometimento, pois é muito difícil determinar o produto e segmento aonde deva crescer mais.

Com relação a queda de juros. A queda de juros nós vemos como positivo. O lado negativo dentro do resultado do banco é a remuneração de capital de giro próprio, mas isso foge ao nosso controle e o investidor não procura ação do ABC Brasil em função de remunerá-lo ao CDI do capital de giro próprio. Então esse é um aspecto que ajuda nessa receita do patrimônio, mas que para o negócio em si talvez não seja tão positivo. Do outro lado, a queda de juros reduz custos financeiros dos clientes, melhora o resultado dos clientes, ajuda no crescimento da economia, ajuda a crescer carteira de ativos e, consequentemente, é positivo para o negócio. Sem contar o potencial de redução de provisão para devedores duvidosos. Nesse cenário que nós estamos vivendo para 2017 onde claramente verifica-se uma queda de juros, uma provável queda de juros durante o ano, é positivo para uma atividade de crédito corporativo que nós executamos.

**[Pedro Furtado - Prada]**

Está bom, obrigado.

**Perguntas via Webcast**

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Julia Rizzo perguntou se poderia passar mais cor sobre o crescimento da carteira de crédito no quarto trimestre, quais são os principais drivers de aceleração, quais os principais setores de destaque, tipos de linha, novos clientes, antigos [...].

Bom, com relação ao crescimento da carteira de crédito no quarto trimestre, ela acabou acontecendo principalmente no segmento de Large Corporate e os setores que nós tivemos mais crescimento foi nos setores de energia elétrica e no agronegócio. Esses dois setores responderam bem, são setores que estão indo bem [...] oportunidades de investimento como também a demanda por novos produtos. Com isso eles foram um pouco mais representativos e colaboraram com o nível de crescimento que nós obtivemos no quarto trimestre.

Tem uma outra pergunta, de como deve ser o crescimento da carteira de garantias versus a carteira de crédito em 2017, considerando o guidance de 8% a 12%, devemos ver agora uma carteira de crédito crescendo mais que a carteira de garantias?

Difícil de prever. Como nós falamos, o guidance que nós passamos é um guidance para a carteira expandida de crédito; se será mais em garantias ou em empréstimos, fica difícil. Agora, em um ambiente onde a economia não contrai e passa a crescer um pouco mais do que aquilo que nós vimos em 2015 e 2016, é possível que os empréstimos passem a ter um desempenho um pouco melhor do que as garantias. Mas é algo que é difícil de prever.

**Encerramento**

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Muito obrigado a todos por terem participado da teleconferência do Banco ABC Brasil de resultados do quarto trimestre de 2016 e do ano, e qualquer outra dúvida que eventualmente tiverem estamos aqui à disposição. Obrigado.